

RONALD DE CARVALHO

TODA A AMERICA

COM A VERSÃO ESPANHOLA

de

FRANCISCO VILLAESPESA



NOTICIA-PRÓLOGO

de

EURICO DE GOES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

TODA A AMERICA

EL ORIGINAL BRASILEÑO

**Va incluido en esta 3.^a edición de “Toda la América”, con el propósito de una mayor propaganda del idioma fraterno en toda Hispano-América y España, porque, confrontando la traducción con el original, podrán familiarizar se con el portugués, y de ahí sobre-
vendrá, sin duda alguna, gran ventaja para el pensamiento escrito brasileño, hoy aún tan desconocido en el exterior por la poca divulgación del bello idioma de Camoens.**

(Nota del Editor.)

RONALD DE CARVALHO

Toda a America

ORIGINAL BRASILEIRO

SEGUIDO DA VERSÃO ESPANHOLA

PROLOGO PARA ESTA EDIÇÃO

de

Eurico de Góes

OBAS DE RONALD DE CARVALHO

LUZ GLORIOSA. (Poemas) 1913. esg.

POEMAS E SONETOS. 1.ª edição. 1919.

PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA. 1.ª ed.
1919.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES. 1.ª ed. 1922.

POEMAS E SONETOS, 2.ª ed. 1922.

PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA. 2.ª ed.
1922.

O ESPELHO DE ARIEL (Ensaio). 1923.

ESTUDOS BRASILEIROS. (1.ª Série). 1924.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES. 2.ª ed. 1925.

TODA A AMERICA (Poemas). 1925.

PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA. 3.ª ed.
1925.

ESTUDOS BRASILEIROS. (2.ª Série).

JOGOS PUERIS.

GRAVURAS DO MEXICO

O CLARO RISO DOS MODERNOS.

ESTHETICA.

(outras ainda não publicadas.

PROLOGO

RONALD DE CARVALHO

Com o desaparecimento de Ronald de Carvalho, perde a literatura brasileira contemporanea um dos seus mais valiosos e requintados cultores, não só da prosa como do verso. No meio da luminosa festa da vida, imprevisto accidente de tragédia, surpreheñdeu Ronald, acompanhado de pessoas da familia, num lamentavel e, afinal, enlutador desastre de automovel, que, ao perpassar de alguns dias, acabou extinguindo a existencia do escriptor e do poeta, quando elle ia vestir o traje de rigor para um banquete diplomatico, a ser offerecido, nessa noite, ao nosso ex-chancellor Mello Franco...

Tem dèsses caprichos o Destino ou uma dessas antitheses a Fatalidade! Justamente quando attingia Ronald o apogeu da posição social e o merecido renome literario; em vespèras de ser, talvez, embaixador nalgum centro civilizado de primeira ordem; depois de haver sido applaudido e homenageado em París, através da sua original, substanciosa e erudita conferência a proposito de Rabelais: logo após lhe haverem dado, numa "enquête" ou num suffrágio de imprensa, o titulo, aliás bem applicavel, de principe dos prosadores brasileiros na actualidade em que vivemos, — morre elle num aposento de casa de saude, ao cabo de tentativas infructuosas e prolongadas torturas, em consequencia dos traumatismos profundos que soffreu!

O seu espirito humanistico, a sua cultura generalizada e suggestivamente exotica, a sua malleabilidade artistica e emocional, as suas visões claras e syntheticas, a sua elegancia e finura de expressões, o seu rythmo adequado e musical, na prosa escripta ou nos versos de meios-tons e de habil claro-escuro — tornaram-no um homem de letras verdadeiro, admirado no paiz e fóra d'elle. Tinha um quê de universalistico e de parisiense, embora conscienciosamente amasse a nossa patria, que procurava estudar, enaltecer e lisonjear, em phrases como ésta, de concisa divagação philosophica. intitulada **As vozes da Terra**, com a qual termina os instructivos e saborosos ensaios do **Espelho de Ariel**, enriquecidos, para mim, de gentiissima dedicatoria autógrapha: "O Brasil é um present. da Terra

Não deixou muitos livros publicados. E' factó. Porém, os que escreveu destacam-se pela qualidade, ou pela excellencia da ideação e da factura. Foi um escriptor de elite. Refugia á banalidade, ao terra-a-terra da concepção e da expressão. Viajou a Europa e o continente americano, para sentir as impressões de perto e illustrar a sua psyche de literato.

* *

Estreou na poesia com a **Luz gloriosa**, que surgiu em 1914, ao irromper a Grande Guerra, e constitue publicação hoje esgotada. Os **Epigrammas ironicos e sentimentaes**, apparecidos em 1922, despertaram numerosos apreciadores e, até, imitadores. Nos **Poemas e Sonetos**, premiados pela Academia Brasileira, ha reminiscencias de Géraldy, de Rodenbach, de Samain, de Valéry . . . A **Pequena Historia da Literatura Brasileira** foi classificada, por Medeiros e Albuquerque, no prefácio, de "grande livro" e de "grande obra". Penetra filões novos de estudo. Desenvolve satisfatorio quadro da literatura nacional. Revela bom gosto e criterio crítico.

A 1.ª série dos **Estudos brasileiros** estampou-se em 1924. No seu poema, de metro ou verso liberrimo e, ás vezes, alongado como prosa

versicular ou biblica — **Toda a America** — Ronald de Carvalho, em decoração do frontispicio, lança o aphorismo poetico: "Cria o teu rythmo livremente" As **Imagens do Mexico**, produzidas sob a fórma de conferência, em dezembro de 1929, "sob os auspicios do Centro Universitario Cuauhtémoc" manifestam um prosador de pulso, cultissimo, equilibrado, inteiramente dominador do seu mistér: como propriedade e riqueza vocabulares, como fôrça e transparencia de pensamento, como colorido de visão, como boleio ou cadencia musical da phrase.

Diversos livros de Ronald foram reeditados. Varios deixou elle ainda, por imprimir. A sua alma de artista e o seu vigor intellectual, na verdade, promettiam maiores realizações, nas espheras da esthetica e da literatura.

* *

Pobre Ronald de Carvalho! Desapparece, de entre nós, relativamente moço, ao galgar sobranceira montanha, no redourado outono da existencia, em calido e offuscante amanhecer da Guanabara, quando, ao zenith, lhe sorriam, esperançosamente, a Fortuna, a Fama e a Glória!...

Eurico de Góes

S. Paulo, Fevereiro de 1935.

ADVERTENCIA

Europeu !

Nos taboleiros de xadrez da tua aldeia,

na tua casa de madeira, pequenina, coberta de hera,

na tua casa de pinhões e beiraes, vigiada por filas de cercas
paralelas, com trepadeiras molles balançando e florindo ;

na tua sala de jantar, junto do fogão de azulejos, cheirando
a resina de pinheiros e faia,

na tua sala de jantar, em que os teus avós leram a Biblia e
discutiram casamentos, colheitas e enterros,

entre as tuas arcas bojudas e pretas, com lãs felpudas e linhos
eñcardidos, collares, gravuras, papeis graves e moedas
roubadas ao inutil maravilhoso ;

R O N A ^l L D D E C A R V A L H O

deante do teu riacho, mais antigo que as Cruzadas, desse teu riacho serviçal, que engorda trutas e carpas;

Europeu!

Em frente da tua paisagem, dessa tua paisagem com estradas, quintalejos, campanarios e burgos, que cabe toda na bola de vidro do teu jardim;

deante dessas tuas arvores que conheces pelo nome — o carvalho do açude, o choupo do ferreiro, a tilia da ponte — que conheces pelo nome como os teus cães, os teus jumentos e as tuas vaccas;

Europeu! filho da obediencia, da economia e do bom-senso, tu não sabes o que é ser Americano!

Ah! os tumultos do nosso sangue temperado em saltos e disparadas sobre pampas, savanas, planaltos, caatingas onde estouram boiadas tontas, onde estouram batuques de cascos, tropel de patas, torvelinho de chifres!

Alegria virgem das voltas que o laço dá na coxilha verde,

alegria virgem de rios-mares, enxurradas, planicies cosmicas, picos e grimpas, terras livres, ares livres, florestas sem lei!

T O D A A A M E R I C A

Alegria de inventar, de descobrir, de correr!

Alegria de criar o caminho com a planta do pé!

Europeu!

Nessa maré de massas informes, onde as raças e as linguas
se dissolvem,

o nosso espirito áspero e ingenuo fluctua sobre as cousas,

sobre todas as cousas divinamente rudes, onde boia a luz sel-
vagem do dia americano!

B R A S I L

A Fernando Haroldo

Nesta hora de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
faiscas
scintillações

Eu ouço o canto enorme do Brasil!

Eu ouço o tropel dos cavallos de Iguassú correndo na ponta das
rochas nuas, empinando-se no ar molhado, batendo com as
patas de agua na manhã de bolhas e pingos verdes:

Eu ouço a tua grave melodia, a tua barbara e grave melodia,
Amazonas, a melodia da tua onda lenta de oleo espesso, que
se avoluma e se avoluma, lambe o barro das barrancas,

T O D A A A M E R I C A

morde raizes, puxa ilhas e empurra o oceano molle como um touro picado de farpas, varas, galhos e folhagens;

Eu ouço a terra que estala no ventre quente do nordeste, a terra que ferve na planta do pé de bronze do cangaceiro, a terra que se esborôa e rola em surdas bolas pelas estradas de Joazeiro, e quebra-se em crostas seccas, esturricadas no Crato chato;

Eu ouço o chiar das caatingas — trilos, pios, pipios, trinos, assobios, zumbidos, bicos que picam, bordões que resôam retesos, tympanos que vibram limpidos, papos que estufam, asas que zinem, zinem, rezinem, cris-cris, cicios, scismas, scismas longas, langues — caatingas debaixo do céu!

Eu ouço os arroios que riem, pulando na garupa dos dourados gulosos, mexendo com os bagres no limo das luras e das locas;

Eu ouço as moendas espremendo cannas, o glu-glu do mel escorrendo nas tachas, o tinir das tigelinhas nas seringueiras;

e machados que disparam caminhos,
e serras que toram troncos,
e matilhas de “Corta-Vento” “Rompe-Ferro” “Faiscas” e
“Tubarões” acuando sussurranas e maçarocas,

e mangues borbulhando na luz,

R O N A L D D E C A R V A L H O

e caitetés tatalando as queixadas para os jacarés que dormem
no tejuco morno dos igapós...

Eu ouço todo o Brasil cantando, zumbindo, gritando, voci-
ferando!

Rêdes que se balançam,
sereias que apitam,
usinas que rangem, martelam, arfam, estridulam, ululam e
roncam,

tubos que explodem,
guindastes que giram,
rodas que batem,
trilhos que trepidam,
rumor de coxilhas e planaltos, campainhas, relinchos, aboiados
e mugidos,

repiques de sinos, estouros de foguetes, Ouro-Preto, Bahia,
Congonhas, Sabará,

vaias de Bolsas empinando numeros como papagaios,
tumulto de ruas que saracoteiam sob arranhacéus,
vozes de todas as raças que a maresia dos portos joga no sertão!

Nesta hora de sol puro eu ouço o Brasil

Todas as tuas conversas, patria morena, correm pelo ar...

T O D A A A M E R I C A

a conversa dos fazendeiros nos cafezaes,
a conversa dos mineiros nas galerias de ouro,
a conversa dos operarios nos fornos de aço,
a conversa dos garimpeiros, peneirando as bateas,
a conversa dos coroneis nas varandas das roças...

Mas o que eu ouço, antes de tudo, nesta hora de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
brilhos
faiscas
scintillações

é o canto dos teus berços, Brasil, de todos esses teus berços,
onde dorme, com a boca escorrendo leite, moreno, con-
fiante,

o homem de amanhã!

CARTAS

A Guilherme de Almeida

MERCADO DE TRINIDAD

A Felippe D'Oliveira

Mercado de Trinidad
na tepidez molhada da manhã!
Doirados tropicaes de asas e frutas,
verdes marítimos franjados de alcatrazes,
mar de coraes, fogos de madreperolas ao sol.

Das cestas de vime rolam ananazes de escamas oxydadas,
o amarello e o vermelho dos papagaios riscam o ar,
as mangas queimam penumbras de folhas murchas,
a terra é uma vibração de coloridos.

Sobe das falúas o aroma grosso do breu e do alcatrão,
e ha deuses de bronze no azul da vaga,
no azul da vaga tremula e faiscante...

Mercado de Trinidad
na tepidez molhada da manhã!

Por trás dos mastros e cordames pardos,
na cinta elastica das bananeiras e dos limoeiros,
espiam cottages e bungalows.

E, sobre as livres solidões selvagens,
entre araras, tucanos, goiabeiras e coqueirões,
passeia gravemente, de capacete branco,
a ruiva sentinela do Forte colonial.

Ilha de Trinidad, 1923.

T O D A A A M E R I C A

N O C T U R N O D A S A N T I L H A S

A Ribeiro Couto

Este nocturno das Antilhas quieto, morno,
feito de folhagens e aguas marinhas,
este nocturno ingenuo do mar dos Caraibas,
feito de coraes e sargaços,
enche-me todo de melodias navaes.

Eu vivo aqui, nesta hora, a tranquillidade de todas essas hervas
atlanticas.

E esse vento silvestre que passa pelos meus cabellos,
e esse gorgolejo de onda que se parte nos meus ouvidos,
e essa humidade salina do deck vasio,
tudo isso é primitivo como um descobrimento.

A terra proxima.
Olor de mata.

R O N A L D D E C A R V A L H O

Silencio...

Luzes dos entrepostos,
luzes balouçantes de mastros,
farolins,
luzes penduradas no ar...

Os coloniaes leem as aventuras de Roberto-Luís Stevenson.

Aroma de chá, fumo da Virginia, cakes, sweet-home...

Os nativos leem o céu cheio de manitús:
rêdes, missangas, plumas, ambar,
fermentos acidos, volupia,
curvas lascivas da imaginação.

Mar das Antilhas!

A terra diminue.
O ultimo farolim.

Silencio..

Olor mollinhoso de maresia..

Bordo do "Vandyck" 1923

B A R B A D O S

Na ilha toda clara,
lavada pelas águas,
há prégões de missangas e quinquilharias.

As casas de madeira têm varandas preguiçosas,
varandas húmidas, de tectos baixos, que deitam sombras
voluptuosas.

O sol brinca nas ruas,
por onde rolam os grandes ventos da maresia!

Subito,
num escorrer de linhas oleosas,
balançando os quadris, uma “miss” de ébano,
sorve a luz que lhe lateja nos seios tremulos
e lhe penetra o ventre, longa e profundamente...

Ilha de Barbados. 1923.

B R O A D W A Y

A Mario de Andrade

Chato, pardo-cinzento, o chão fluctua lento, molle,
o chão escorre vagaroso,
contráe-se em blócos subitos,
estica-se em flechas longas, trepidantes,
dispara, de repente, em riscos elasticos,
gira,
rodopia,
turbilhona e ferve num vapor subtil de linhas e movi-
mentos.

Aquelle chão carrega todas as imaginações do mundo!

Aquelle chão carrega
isbas da Ukrania,
vinhas de Bordeus,
parques do Tamisa,
saveiros do Volga,

T O D A A A M E R I C A

ambar, coraes, madréporas das Antilhas,
guano de Mollendo,
cannaviaes de Cuba,
juncos de Shangai,
cafezaes de Ribeirão Preto,
chifres do Pampa,
fornos de Essen, fornos de Newcastle,
oleos de Tampico,
salitres de Iquique,
barbatanas da Terra-Nova,
mares coalhados de ferros e madeiras,
terras gordas,
ilhas com batuques, tan-tans e rêdes mollinhasas,
montanhas verdes, montanhas de oxydos e cristaes,
rios onde boiam troncos, plantas, cobras e tartarugas,
florestas de plumas, pennas e folhagens,
praias, canaes, mangües,
luzes do tropico, luzes do polo,
desertos,
civilizações..

Aquelle chão é uma paisagem em marcha.

Chão que mistura as poeiras do Universo e onde se confundem todos os rythmos do passo humano!

R O N A L D D E C A R V A L H O

Chão epico, chão lirico, chão idealista,
chão indifferente de Broadway,

largo, chato, pratico e simples como este roof liso, suspenso no ar,
este roof, onde um saxofone derrama um morno torpor de
senzala debaixo do sol.

New-York. 1923.

T O D A A A M E R I C A

T O N A L A

A Carlos Obregon Santacilia

Pintada por um alfarero,
debaixo dos cardos massiços,
Tonalá é uma china poblana,
agachada na terra,
vestida de barro cinzento, de chita e missanga,
fazendo tibores e pratos de argila.

Nossa Senhora de Guadalupe ri em todos os nichos,
com grandes olhos de vidro e bochechas rosadas,
para as indiazinhas que mordem tamales
e para os gorriones que brincam de esconder com o sol
nas hortas verdes.

Em cada pateo a louça crua estala na luz,
na luz de Jalisco intrigante, plebéa,
que salta nas sombras

R O N A L D D E C A R V A L H O

pula nos muros
molha-se nos charcos
e cáe das arvores
como as tunas maduras,
e baila no chão
róla
ciranda
repiquetea
como a sandalia de verniz de um jarabe pachola,
e fica assustando o ar
como o lenço vermelho de uma novilhada brava!

Sobre a porta das casas de adobe,
vestida de china poblana,
Nossa Senhora de Guadalupe ri em todos os nichos,
com os olhos de vidro bem abertos e as bochechas bem
rosadas,

ri para o dia tranquillo,
para as estradas que mergulham no silencio morno,
para os cães que resomnam com o focinho entre as patas,
ri para o céu azul e brunido,

azul e brunido como os olhos de vidro de Nossa Senhora
de Guadalupe!

Tonalá. 1923.

T O D A A A M E R I C A

P U E N T E D E L I N C A

A Rodrigo Mello Franco de Andrade

Aqui nestes grandes silencios
das cordilheiras é que eu te sinto, America!

Aqui está a tua virgindade cheia de promessas excitantes.
aqui, onde o immigrante passa de olhos innocentes,
onde o homem do Baltico e o homem do Adriatico,
o homem do Rheno e o homem do Guadalquivir
não sabem as sementes que devem semear.

As planicies e as bahias, as florestas e os valles chatos
não vivem o tropel dessas aspirações,
dessas limpidas aspirações do ar livre e da luz virgem.

Aqui ha a infinita melancolia de uma aurora que vai
romper,

de uma aurora que não vai romper para nós.

R O N A L D D E C A R V A L H O

Oh! America, o teu dia será primitivo,
e será fresco e ingenuo, e fluctuará sobre as aguas
como aquelle outro dia que o espirito ephemero ente-
nebreceu.

O teu dia será como um grito que ainda boca nem uma
gritou,

e terá o rythmo de uma rajada de vento marinho sobre
as vagas,

o rythmo de todas as tuas arvores juntas resoando,

o rythmo de todas as tuas pedras, de todos os teus rios.
de todos os teus animaes atropelando-se!

Como um cavallo selvagem o meu sangue pula e te adi-
vinha, America!

Que cidade immensa nascerá de todos esses milhões de
mãos que se agitam em ti?

Das mãos que perseguem a gaça, a raposa, o bufalo e a
baleia,

das que lançam o touro no pampa e na coxilha,
das que flecham o tapir e a sucurí,

T O D A A A M E R I C A

das que varam saltos e corredeiras,
das que seccam mangues e igapós,
das que misturam os oceanos,
das que levantam as vigas para os sessenta andares,
das que mergulham nos poços de petroleo,
das que enchem e esvasiam os porões dos transatlanticos,
das que amassam a argila de Tonalá e Tlaquepaque,
das que matam para as terriveis obediencias.
das que planejam, das que constroem, das que destroem...

Que cidade immensa nascerá de todos esses milhões de
mãos que se agitam em ti?

Aqui nestas solidões brutas é que eu te sinto, America!

Aqui está a tua virgindade,
a tua virgindade que não podemos fecundar!

Ah! como será bella a dança do homem livre, que ainda
esperas,

a dança do homem livre sobre o teu ventre violado...

Puente del Inca. 1924.

U M A N O I T E E M L O S A N D E S

A Paulo Silveira

Naquella noite de Los Andes eu amei como nunca o Brasil.

De repente,
um cheiro de bogary, um cheiro de varanda carioca balan-
çou no ar ..

Vinha não sei de onde o murmurio de um corregó tran-
quillo,

escorregando como um lagarto pela terra molhada.

A sombra vertia uma frescura de folhas humidas.

Um vagalume grosso correu no mato. Queimou-se no
sereno.

Eu fiquei olhando uma porção de cousas doces, mater-
naes.

Eu fiquei olhando, longo tempo, no céu da noite chilena,
as quatro estrellas de um cruzeiro pendurado fóra do
logar ..

T O D A A A M E R I C A

CRISTAL MARINHO

A Navarro da Costa

Os navios, de onde escorrem grossas correntes, estão parados no golfo.

Mastros de vergas, altas, fios de luz no sol,
prôas de curvas baixas, pastas de sombra n'agua.

Toda a frescura do romance naval,
galeras,
brigues,
bergantins,
barcaças
e chatas largas embebidas no oleo do mar.

Um vôo de gaivotas imita a ressaca de espumas amargas.

Picada do reflexo das vidraças,

no seu dique de pedras que morrem,
Antofogasta é um jogo de polyedros,
fantasista, pequenina, vaidosa,
como aquella praçazinha de Los Andes
com o seu coreto pintado de azul e vermelho,
os seus carabineiros pintados de verde,
as suas niñas, que passeiam de mãos dadas,
e dizem gravemente Buenas Noches
para os pololos de chapéos de feltro novo.

Na minha vigia redonda, de cinta metálica,
a paisagem tem ondulações de aquario.

A minha vigia redonda de transatlantico
olha orgulhosamente os veleiros, que descarregam barras
de ferro,

e os pontões fluctuantes do cáes.

Nas praias de seixos rolados correm creanças,
e o ar do crepusculo, aromado de sal,
mistura os meninos louros do Chile
aos caboclinhos musculosos da Bolivia.

Serenidade que absorve tudo!

Como as plantas, o heroismo do homem aqui tem frouxas
raizes.

T O D A A A M E R I C A

Arica,
Tacna,
Maipo,
hervas rasteiras de nomes,
inscrições a espera da onda...

Aqui o heroísmo é da terra,
da terra bruta, que se argamassa em blocos ingremes e
inuteis,

da terra que regeita o homem,
que envenena o mineiro com os vapores do salitre
e oxyda a carne com os gazes do cobre.

Mas ha nessa virgem solidão uma perturbadora poesia geo-
metrica,

pyramides,
cones,
cubos,
cylindros,
espheras,
poesia do numero claro,
poesia dos planos e dos volumes, que vence a melancolia,
e funde a realidade na alegria da intelligencia.

Antofogasta. 1924.

R O N A L D D E C A R V A L H O

ENTRE BUENOS-AIRES E MENDOZA

A Agrippino Grieco

Eu vi o pampa!

O pampa claro de aços e metaes, luzindo todo
nos raios limpos dos arados,
nas rodas lentas dos tractores,
nos trilhos brunidos, que disparam, rectos, debaixo do céu!

Eu vi a manhã do pampa,
com filas negras de caminhões rolando pelos trigaes,
num alegre rumor de klaxons, relinchos, mugidos, apitos,
assobios e ladridos;

Eu vi a luz da aurora, pulando agil na cobertura de zinco
dos longos frigorificos rectangulares,

escorrendo pelas vigas de ferro dos matadouros lavados pelo
orvalho,

chispando nas claraboias dos armazens de xarque;

T O D A A A M E R I C A

Eu vi as arvores do pampa, magras e compridas, jogando,
umas para outras, fios e fios telegraphicos;

Eu vi as estradas do pampa, cheias de automoveis e loco-
motivas,

de machinas compressoras,
tubos, turbinas, chaminés e caldeiras!

Eu vi calabrezes, genovezes, florentinos, syracusanos de
calças de velludo, debulhando espigas;

Eu vi agronomos experimentando nitratos,
estancieiros pesados dirigindo Fords,
barracas de lona abafando vozes de todos os dialectos ita-
lianos..

Eu não vi nem um payador.

Eu não vi nem um criollo vestido de couro.

Eu não vi a sombra de Facundo, nem o punhal de Facundo,
nem o cavallo de Facundo varando os silencios do ar...

Eu vi o pampa!

O pampa claro de aços e metaes,
luzindo todo

nos raios limpos dos arados,

nas rodas lentas dos tractores,

nos trilhos brunidos, que disparam, rectos, debaixo do céu!

R O N A L D D E C A R V A L H O

JORNAL DOS PLANALTOS

A Carlos Pellicer

FRONTEIRA DO RIO GRANDE

Fervura de areiaes,
Cardos.
Cardos.
Magueyes.
Pedras que se levantam e rompem o horizonte.

Chão de scintillações.
Silencios vigiados,
homens por trás de todos os silencios...

Campainhas de cabras.
Fogo de sarapes.

Mexico!

Junho. 1923.

T O D A A A M E R I C A

XOCHIMILCO OU O EPIGRAMMA DA INDIA
EXILADA

Olhei-me nas tuas aguas,
Xochimilco.

Que aguas poderão agora
reflectir-me?

Junho. 1923.

R O N A L D D E C A R V A L H O

SAN AGUSTIN ACÓLMAN

A voz do sino de San Agustin
é dos gorriones ou do bronze?

E' o passaro ou o metal
que fala por tua boca,
sino de San Agustin?

Julho. 1923.

CHOLULA

Altura que enfuna o céu...

Cholula!

Pyramide verde
sob a esfera azul!

Nesse ar geometrico, exacto, abstracto,
teu riso, india mexicana,
tem o sabor das hervas livres do planalto.

Agosto. 1923.

R O N A L D D E C A R V A L H O

PUEBLA DE LOS ANGELES

O oleiro que desenha a talavera,
debaixo das torres da Cathedral,
ouvindo os sinos sem ver o céo,
pinta com os olhos ou com os ouvidos?

Julho. 1923

T O D A A A M E R I C A

PUEBLA

Noite sem melancolia,
noite **precisa**, onde os contornos, de tão esguios, ondulam.

As folhas e as estrelas se adelgaçam.

Teu perfil primitivo é um passaro que vae voar!

A noite é um azulejo de Puebla.

1 de Agosto. 1923.

QUERÉTARO

A Diego Rivera

Fontes de azulejo debaixo do sol,
Balcões de grades coloniaes,
Ruas calçadas para o balanço das cadeirinhas,
onde os Fords pretos pulam de prazer.

Igrejas, capelas, atrios partidos, cathedraes,
Praças com arvores para acompanhar procissões.
Por todas as janelas "Viva Cristo Rey!"

Casas que se equilibram nas ladeiras preguiçosas,
Aleijados que bocejam com as gengivas sem dentes,
Crianças que jogam com gestos gulosos,
Beatas ferozes,
Cachorros amaveis...

Querétaro! foi o Greco ou Murillo que te pendurou no
Mexico?

Julho. 1923.

T O D A A A M E R I C A

MEXICO (D. F.)

A india que passa todas as manhãs, sob a minha janela,
a india da Avenida Juarez,
como é feliz!

Leva nas mãos a brasa dos sarapes,
na cabeça o rebozo de seda “de una niña muy bien”
nos pés as sandalias de tacões duros, para riscar o jarabe,
e na boca a ultima canção tapatia.

India da Avenida Juárez, toda florida de rythmos,
tu és o Mexico, ou Deus não existe!

Agosto. 1923.

GUADALAJARA

A Roberto Montenegro

Guadalajara, tu és toda uma dança!

Dansam as estrelas no teu lago ingenuo
e a lua cheia dança também pretensiosa e ôca.

Dansam nas tuas manhãs os eucalyptus.

Dansam no teu sol as cupolas macias
e as folhas dansam nos teus ventos ironicos,
nos teus ventos que levantam as saias das tapatias,
e misturam os perfumes numa dança aerea...

Tu és toda uma dança, Guadalajara!

Meus pensamentos dansam em ti...

Julho. 1923.

T O D A A A M E R I C A

T O D A A A M E R I C A

A Renato Almeida

1

Do alto dos Andes, America,
do alto das sierras mexicanas,
de Laguna del Inca, de Punta de las Vacas, de Orizaba
e Xochimilco,

eu te vejo deitada e intacta no claro musculo dos teus
cristaes, no impeto das tuas aguas, no fremito fresco
das tuas folhagens luminosas.

Em ti está a multiplicidade creadora do milagre,
a energia de todas as gravitações,
a massa viva de todos os volumes,
a promessa de todas as fórmãs,

America livre do terror!

America voltada para o futuro como um botão que espera
a flor e o fruto,

R O N A L D D E C A R V A L H O

America assentada nas praias atlanticas e pacificas, jogando
com as ondas, as espumas e as areias,

America dos cafezaes, dos seringaes e dos cannaviaes,

America das locomotivas e das carretas de bois, dos eleva-
dores e dos guindastes, das porteiras de peroba e das
comportas de aço chromado de Pittsburgh,

America das usinas, dos dynamos, das valvulas e dos em-
bolos,

America dos opprobrios e das reivindicações, dos trusts
e dos Estados insolvaveis,

America dos senhores de engenho liricos e tragicos, do
pulque e da aguardente, do tequila e da coca,

America lasciva que dança o jarabe, o maxixe, o tango, o
fox, a cueca e a marinera,

America violenta do cavallo selvagem do caudilho, do punhal
dos generaes, da fogueira, dos lynchamentos, dos im-
peradores banidos, dos Presidentes degolados,

America sophista e causidica dos Parlametos e dos Tri-
bunaes,

T O D A A M E R I C A

America de todas as imaginações, do azteca e do germano,
do guarani e do latino, do hispano e do inca, do aimoré
e do saxão, do slavo e do africano,

America dos barões e dos escravos, do ladrão e do capitão
mór, do santo e do heróe,

Eu vivo todas as tuas indisciplinas, a tua cultura e a tua
barbaria, as tuas pyramides e os teus arranhaceus, as
tuas pedras de sacrificio e os teus calendarios, os teus
pronunciamentos e a tua boa fé puritana,

America livre do terror,

America dos meus avós guerreiros e constructores,

America do meu Pai que morreu pelo Rei!

2

Oh! turbilhão de energias e grandezas latentes.
choques,
saltos,
clamores,
vibrações,
claridades,
tumultos do teu despertar!

O mundo nasce outra vez em ti, e o homem diante de ti
sorri ingenuamente como um deus.

A tua manhã é um canto, é uma palpitação, um estrondo,
um rumor, um grito alegre de posse.

Correm os trenós nos gelos unidos do Alaska,
pulam as baleeiras nas correntes do Hudson,

T O D A A A M E R I C A

sobre os trilhos da Pennsylvania, entre bungalows cobertos
de hera e campos que fumam nos vapores da aurora,
rolam as rodas massiças dos comboios,

Morro Velho, La Pampa, Tampico, Potosí abrem as entra-
nhas, e do sexo immenso da terra jorram metaes, oleos,
pedrarias,

giram os tornos de Puebla, crepitam os fornos de Tonalá,

e os teares de Jersey, Oaxaca, São Paulo, Sucre e Punta
Arenas trançam e retrançam o fio de seda e o fio de lã,

cantam os oleiros acurvados sobre o barro,

ululam as sereias de todas as machinas,
e ha uma selvagem innocencia nas bocas que se saúdam,
nos olhos que se procuram, nas mãos que se aflagam.

Os homens verticaes sobem nos horizontes, em todos os hori-
zontes varados pelo sol!

Oh! a emoção da força em face dos elementos que vão
ser dominados!

O espirito que se faz força,
o amor que se faz força,
o direito que se faz força,

a força que se faz aspiração e fecunda todos os desejos e cria todos os movimentos:

o movimento que gera e aniquila,
o movimento do sementeiro que enche o teu corpo de germen,
America!

o movimento do mecanico, que lavra o teu corpo com o ferro e o aço, e o transforma num valle inflexivel, America!

o movimento do cavalleiro, do cowboy, do gaúcho e do pastor, que fazem o teu corpo estremecer num tropel de patas, America!

o movimento da intelligencia e da vontade, que põe no chão das tuas florestas o asphalto de Broadway, de Copacabana e de Palermo!

Os homens verticaes sobem nos horizontes, em todos os teus horizontes varados pelo sol!

Montanhas, chãs, planaltos, mangues, varzeas, angras, tudo se enche da commoção de tuas raças,

e a tua terra, que viu Anáhuac e Mitla immoveis, que viu Pachacamac e a pyramide do Sol, os mounds do Mississippi e os sambaquis de Marajó,

T O D A A A M E R I C A

a tua terra, que viu os grandes deuses e os grandes chefes,
vestidos de ouro e plumas, Cuauhtémoc e Ataulpa,
Ahsonnutli e Awonawilona, Tupan e Huitzilopoztli,

a tua terra, que viu o passado e as migrações do crepúsculo,
vê agora, oh! America, a maravilhosa confusão do Oriente,

o raio directo da Aurora,
o filho de Isis, de Minos e Eleusis,
o filhão da Bíblia e do Alcorão,
o filho dos dolmens e das cavernas magdalenicas,
o filho das Sagas,
os estupradores do Atlantico!

São elles os ventos da tua manhã, o sal dos teus ares,

a poesia livre que se elevará da tua voz,
da tua voz que ainda os nossos ouvidos não podem escutar...

Os homens verticaes, America, sobem nos horizontes, em
todos os teus horizontes varados pelo sol!

3

Onde estão os teus poetas, America?

Onde estão elles que não comprehendem os teus meios-dias
voluptuosos,

as tuas rêdes pesadas de corpos eurythmicos, que se balan-
çam nas sombras humidas,

as tuas casas de adobe que dormem debaixo dos cardos,
os teus cannaviaes que estalam e se derretem em pingos
de mel,

as tuas solidões, por onde o indio passa, coberto de couro
entre rebanhos de cabras,

as tuas matas que chiam, que trilam, que assobiam e ferverem,

os teus fios telegraphicos que ennervam a atmospheria de
humores humanos,

T O D A A A M E R I C A

os martelos dos teus estaleiros,
os silvos das tuas turbinas,
as torres dos teus altos fornos,
o fumo de todas as tuas chaminés,
e os teus silêncios silvestres que absorvem o espaço e o
tempo?

Onde estão os teus poetas, America?

Onde estão elles que se não debruçam sobre os tragicos
suores das tuas séstas barbaras?

No teu sangue mestiço crepitam fogos de queimadas,
juizes, tribunaes, leis, bolsas, congressos, escolas, bibliothecas,
tudo se estilhaça em clarões, de repente, nos teus
pesadelos irremediaveis.

Ah! como sabes queimar todos esses troncos da floresta
humana,

e refazer, como a Natureza, a tua ordem pela destruição!

Onde estão os teus poetas, America?

Onde estão elles que não veem o alarido constructor dos
teus portos,

onde estão elles que não veem essas bocas maritimas que te alimentam de homers,

que atulham de combustivel as fornalhas dos teus caldeamentos,

onde estão elles que não veem todas essas prôas entusiasmadas,

e esses guindastes e essas gruas que se cruzam,

e essas bandeiras que trazem a maresia dos fiords e dos golfos,

e essas quilhas e esses cascos veteranos que romperam cyclones e pampeiros,

e esses mastros que se desarticulam,

e essas cabeças nordicas e mediterrânicas, que os teus morços vão fundir em bronze,

e esses olhos boreaes encharcados de luz e de verdura,

e esses cabellos muito finos que procrearão cabellos muito crespos,

T O D A A A M E R I C A

e todos esses pés que fecundarão os teus desertos!

Teus poetas não são dessa raça de servos que dansam no compasso de gregos e latinos,

teus poetas devem ter as mãos sujas de terra, de seiva e limo,

as mãos da criação!

E innocencia para adivinhar os teus prodigios,
e agilidade para correr por todo o teu corpo de ferro, de carvão, de cobre, de ouro, de trigaes, milharaes e cafezaes!

Teu poeta será agil e innocente, America!

a alegria será a sua sabedoria,
a liberdade será a sua sabedoria,
e sua poesia será o vagido da tua propria substancia. America, da tua propria substancia lirica e numerosa.

Do teu tumulto elle arrancará uma energia submissa,
e no seu molde multiplo todas as fórmulas caberão,
e tudo será poesia na força da sua innocencia.

America, teus poetas não são dessa raça de servos que dansam no compasso de gregos e latinos!

4

Banjo, guitarra, maracá, violão, torocaná, quena, marimba
soam debaixo das tuas cajaseiras, dos teus coqueiraes,
dos teus palteros, dos teus laranjaes, dos teus vinhedos.
das tuas cerejeiras, dos teus magueyes, America!

Quem exprimiu jámais a tua grande noite, grávida de vicio,
colera e prazer?

a tua noite que funde todas as cosmologias,

a tua noite por onde corre o Amazonas,

a tua noite cheia das vozes do Mississippi, do São Francisco,
do Araguaya e do Prata,

a tua noite das cachoeiras e dos saltos, do Niagara, de
Paulo Affonso e Iguassú,

a noite dos teus macios ventos, que voam como passaros
pelas folhas das tuas arvores,

T O D A A A M E R I C A

a noite das tuas ilhas tropicaes, que o longo leque das bananeiras embala e acalenta,

a noite das tuas praias que viram as caravelas!

Sobre a fogueira dos payadores e dos tropeiros, embuçados em ponchos e sarapes, em pelles de vicuña, de alpaca e guanaco, espiam os deuses primitivos.

Manitús, totens, feitiços, tabús, encantos, talismans, tudo se mexe, fascina, ameaça e alucina dentro do ventre mysterioso da tua noite.

Africa, Europa e Asia vieram dansar na tua noite.

Batuques, jongos, tangos, maxixes, jarabes, cuecas, cateretês, um vertiginoso rythmo se agita em ti,

e a quena de Oroya, a marimba de Tenochtitlan, a guitarra de Bogotá, a viola de Joazeiro misturam na tua noite a lascivia das raças.

Quem exprimiu os silencias da tua noite,
o kirirí das ocas,

o kirirí dos sertões brutos, dos sertões do corrupira e do caipora,
o kirirí dos igapós,

R O N A L D D E C A R V A L H O

o kirirí dos charcos onde o ceu pinga estrelas?

Guerras, catecheses, rosarios e plumas, flechas e colubrinhas,
mosquetões e tacapes, autos, orações, vozes de commando,
vozes de hórro, vozes de susto, celeuma de naus,
monções, tudo se levanta e caminha na tua noite,

na tua noite de litoraes illuminados e de serras e planaltos
esquecidos.

Quem jámais exprimiu o que rola dos silencios da tua noite!

T O D A A A M E R I C A

5

Oh! America, o teu poeta será um constructor,

e qual o que lança n'agua o barco migrador,
e qual o que projecta o dynamismo da machina,
e qual o que calcula os alicerces e as paredes,
e qual o que domina a massa pelo numero,
elle terá a rude imaginação do inventor.

E deante da sua obra de granito e de ferro, de madeira
e de argila,

deante da sua obra aspera e nova, cheia de homens e animaes,
de aguas, plantas e pedras,

America,

o teu poeta caminhará no milagre da criação.

Í N D I C E

	Pag.
Nota do editor	2
Prólogo	5
Advertencia	9
Brasil	12
CARTAS :	
Mercado de Trinidad	17
Nocturno das Antillas	19
Barbados	21
Broadway	22
Tonalá	25
Puente del Inca	27
Uma noite en los Andes	30
Cristal marinho	31
Entre Buenos Aires e Mendoza	34
JORNAL DOS PLANALTOS :	
Fronteira do Rio Grande	36
Xochimilco	37
San Agustin Acolman	38
Cholula	39
Puebla de los Angeles	40
Puebla	41
Guerétaro	42
México D. F.	43
Guadalajara	44
Toda a America	45

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).